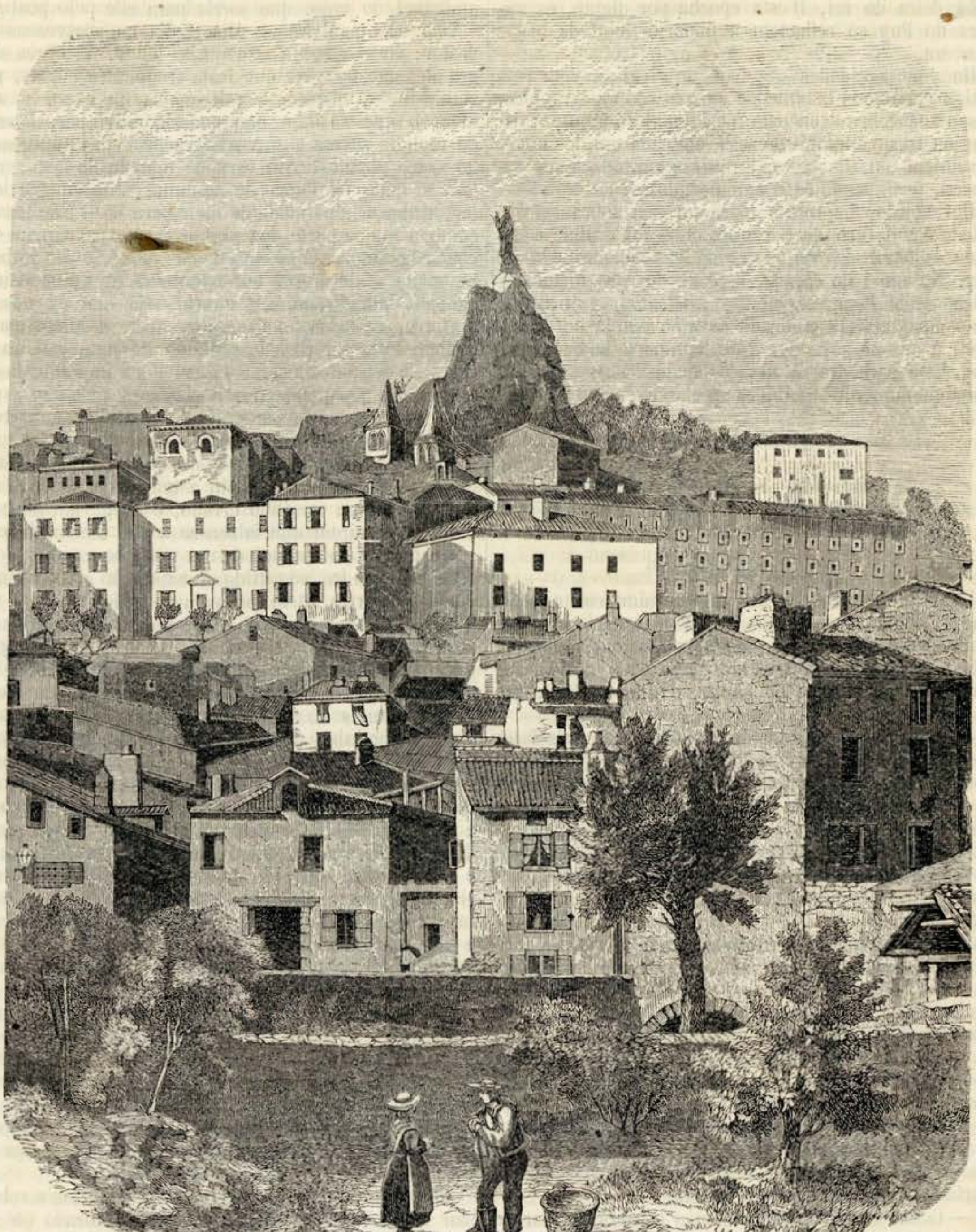


Vista da cidade e da Virgem colossal do Puy

Desenha esta gravura parte da cidade do Puy, e ao longe, sobre a montanha ou pico de Corneille, a estatua colossal de Nossa Senhora de França, que melhor se verá na estampa que vae a pag. 365.

A cidade do Puy, sobre cujas alturas se ergue este grandioso monumento, é a capital do antigo condado do Velay, na Provença.

A sua fundação remonta ao tempo dos celtas. Quando os romanos invadiram as Gallias, fundaram alli uma colonia. O nome celtico da cidade foi então substituido pelo romano de *Podium*, que com o tempo se alterou e contrahiu no de Puy, que hoje conserva.

N'esta cidade está representada, genuinamente, como em nenhuma outra de França, a architectura romana, na sua cathedral e n'outros edificios.

Carlos Magno erigiu Puy em condado, passando para o dominio dos condes de Auvergne.

Na edade média, Puy tomou grande parte nas guerras religiosas, e d'alli saiu a grande cruzada contra os albigenses, commandada pelo bispo. Foi

muitas vezes cercada e invadida por differentes senhores feudaes, até que, em 1240, sendo o Languedoc encorporado na coroa de França, seguiu sempre a bandeira do rei. D'esta epocha por diante, os annaes do Puy só reflectem a historia geral da nação franceza.

Ha poucas cidades que possam rivalisar com esta antiga capital do Languedoc em posição topographica. Assentada sobre a encosta meridional do monte Anis, domina tres valles pittorescos, em cada um dos quaes serpenteia um rio que os atravessa em toda a sua extensão, fertilisando-os e amenisando-os.

Um volcão, ha muito extincto, fica sobranceiro á cidade: é o pico de Corneille onde foi erigida a estatua colossal da Virgem, por isso denominada do Puy. No meio da cidade, cercado de ruas tortuosas, calçadas de lava, se eleva o rochedo granitico, no cimo do qual está edificada a velha egreja de S. Miguel, a que se sóbe por 260 degraus talhados na rocha. Esta cathedral é um dos mais vastos e magestosos monumentos gothicos que existem na Europa.

JOÃO

(A T. J. DA ANNUNCIAÇÃO, PINTOR)

(Conclusão. Vid. pag. 346)

Um acontecimento extremamente simples na apparencia, e que de nenhuma fórma póde aspirar a dramatico, mas a que hão de resignar-se já agora, porque a historia não tem pretenções a complicada, decidiu subitamente da vocação do pastor, e veiu mudar a face da sua existencia.

Um personagem influente da localidade quiz fazer presente á egreja de um quadro; o pintor, que era homem de talento, cuidadoso das suas obras, acompanhou elle proprio a tela, e quiz escolher o logar em que devia ser collocada. O prior, conversando com elle, fallou-lhe de um pastor do sitio, dotado de muito gosto para o desenho, e cujas tentativas annunciavam uma disposição maravilhosa. A pasta dos esboços de João foi apresentada ao pintor. O rapazito, pallido como um defuncto, comprimindo o coração com a mão para não o deixar saltar, conservava-se em pé ao lado da mesa. Esperava silencioso a condemnação dos seus sonhos, por não poder cuidar que um sujeito bem vestido, de luvas, com um annel lindissimo, auctor de um quadro que se mettêra n'uma moldura doirada, podesse achar algum merecimento aos seus entretenimentos de curioso ignorante.

Folheou o pintor alguns desenhos sem dizer palavra, e illuminou-se-lhe a fronte; subiu-lhe ás faces um leve rubor, e dizia a si mesmo phrases curtas, exclamativas, no calão dos artistas:

— Como está *catita!* Tomára o Christino o carvão d'este diabo! Olha se o Annunciação pilhasse este carneiro!

Ergueu-se, depois de ter examinado tudo, foi-se direito a João, apertou-lhe a mão cordialmente, e disse-lhe:

— Com a bréca! Isto fica entre nós, mas sempre lhe digo, apesar d'isso não fazer honra aos professores, tomáramos que todos os nossos discipulos soubessem tanto como você! Quer vir commigo para Lisboa? Em seis mezes far-lhe-hei perceber os segredos da festa, e depois caminhará sósinho, e, se não parar no caminho, posso assegurar-lhe que ha de ir longe.

João, depois de muitos sermões e conselhos, e bem prevenido dos perigos da cidade, partiu com o pintor, em companhia de Fiel, do qual não quiz separar-se, e que o artista lhe consentiu trazer comsigo, com a delicada bondade que acompanha sempre o talento. Unicamente o que Fiel não quiz foi ir na *diligencia* do José Paulo, e seguiu-a a correr, com uma admiração profunda, mas socegado pela physionomia amigavel do amo, que sorria para elle pelo postigo.

Não acompanharemos dia a dia os progressos do pastor; levar-nos-hia isso muito longe. As obras dos grandes mestres, de que fazia frequentes cópias, pozeram-lhe á disposição mil meios de expor a sua idéa, o que sósinho não poderia adivinhar. Passou da eschola severa e grave ás graciosidades luminosas, do ardor phantastico á verdade tomada do facto, mas não se deixou prender de nenhum estilo em particular; tinha originalidade de mais para isso. Não fizera, como a maior parte dos pintores que principiam fechados n'uma casa, e vão depois deixar o seu bilhete de visita á natureza, em excursões de quinze dias; excepto quando no seu quarto — já que os nossos pintores, coitados, nem *atelier* tem, a maior parte d'elles — pintam rochedos diante de uma cadeira, e cascatas defronte de uma bilha! Fôra impregnado do aroma dos bosques, com a vista enlevada em aspectos campestres, em sequencia de uma longa e discreta familiaridade com a natureza, que elle pegára primeiro n'um lapis e depois n'um pincel. Os conselhos da arte haviam-lhe chegado a tempo de elle não tomar por algum caminho errado, e chegavam tarde já para conseguirem que falseasse a sua ingenuidade.

Ao fim de dois annos de um trabalho assiduo, João teve um quadro admittido á exposição da academia das bellas-artes. Bem houvera querido tornar a ver a dama do lapis doirado; mas, por mais que olhasse attentamente nos passeios, no theatro, nas egrejas, para todas as mulheres que podessem dar ares d'ella, não póde acertar. Não lhe sabia o nome, nem d'ella conhecia mais do que a formosura. Uma esperança vaga o sustinha, todavia; dizia-lhe o que quer que fosse no fundo do coração, que o destino não acabára entre ambos. Modesto como era, tinha comtudo a consciencia do seu talento; aproximára-se do ceo, e a impossibilidade de alcançar a estrella do seu sonho diminuia de dia em dia. Percorria de vez em quando o moço artista em roda do seu quadro, fingindo considerar attentamente outras coisas proximas á tela, na intenção de escutar as opiniões dos espectadores; e depois dizia a si mesmo, não sem razão, que a fidalga, que tinha tanta paixão pela pintura, e que desenhava tão bem, se estivesse em Lisboa, iria alguma vez visitar a exposição. Effectivamente uma manhã, antes da hora em que a multidão afluia, João viu ir para o lado do seu quadro uma senhora vestida de preto; não póde distinguir-lhe a cara ao principio, mas um pedacinho do pescoço alvo de neve, que brilhava entre o cabeção e a abinha do chapeo, fez-lh'a logo reconhecer, com aquella segurança de olhar que o habito faculta aos pintores.

Era realmente ella; o lucto, que trazia, fazia sobresair ainda mais a sua alvura, e, moldurado no negrume do chapeo, o seu perfil puro e fino tinha a transparencia do marmore.

Perturbou esse lucto ao ex-pastor.

— Quem lhe morreria? O pae... a mãe... ou porventura estará... livre? — disse entre si, no mais secreto cantinho da sua alma.

A paizagem exposta pelo moço artista representava exactamente o logar desenhado pela dama, para o que se haviam disposto em attitude, elle, o Fiel e os carneiros. João, por um pensamento de religião e de amor, escolhêra para assumpto do seu primeiro quadro, o sitio em que recebêra a revelação da pintura. O declive relvoso, as arvores da encosta, os torrões vermelhos entremeando o verde manto de herva, as piteiras do vallado, o descarnado tronco de um carvalho atravessado por um raio, tudo alli estava com escrupulosa exacção. João encostára-se ao cajado, com

ar scismatico, o Fiel aos pés, e na posição que a dama do album lhe indicára.

Ficou por muito tempo a senhora contemplando o quadro, examinando-o attentamente, recuando e aproximando-se, para julgar os effeitos. Uma idéa a preoccupava. Abriu o folheto, e procurou o numero da téla, o nome do pintor, e o assumpto do seu trabalho. O nome era-lhe desconhecido; o folheto não rezava mais que esta palavra: «Paizagem». Depois, como ferida de uma reminiscencia luminosa, disse alguma coisa em voz baixa á velha creatura, de certo aia, que a acompanhava.

Depois de haver olhado ainda para alguns quadros com uma vista distrahida e fatigada, saiu.

João, levado de um poder feiticeiro, e receiando perder occasião tão propicia, seguiu de longe a dama, e viu-a subir para a carruagem. Atirar comsigo a um tivoli, e dizer ao cocheiro que não perdesse de vista a carruagem azul de libré branca, foi obra de um minuto.

O cocheiro fustigou energicamente os tisicos cavallos, e seguiu na pista do trem.

A carruagem entrou na rua de Santa Isabel, n'uma casa de boa apparencia. O portão fechou-se logo depois, e tudo o mais deu indicio de ser alli que morava a dama.

Saber uma pessoa a rua e residencia do seu ideál é já de si uma posição excellente; e não me parece pouco, nem ao leitor tambem, poder dizer um homem: — «O meu sonho mora em tal quarteirão da rua tal,» ou ainda: «no andar tal,» ou ainda mais: «do lado tal.»

Restava a João saber o nome da dama dos seus pensamentos, fazer-se apresentar em sua casa, e conseguir que ella o distinguisse e o amasse, tres pessimas difficuldades que não deixavam de causar embaraço ao ex-pastor da Palhoça.

Veiu felizmente o accaso em seu auxilio, e o meio que procurava por si mesmo se offereceu. Certa manhã, um pequeno que lhe fazia os recados, entregou-lhe uma carta que havia levado á academia um criado de libré; carta que exhalava um perfume que obrigou o rapaz a contracções e dilatações de nariz, como se estivesse a cheirar um raminho de flores.

Pela letra elegante e fina, não podia deixar de se conhecer mão de senhora, e de senhora bem educada, que não dispunha só da ortographia do coração, mas tambem... da outra.

A carta dizia assim:

«Acabo de ver na exposição da academia um lindo quadro seu. Teria o maior gosto em o possuir na minha pequenina galeria, mas receio chegar tarde já. Se esse quadro lhe pertence ainda, queira ter a bondade de me prometter que não o venderá, e de o mandar, assim que a exposição termine, á rua de Santa Isabel, n... As suas condições serão as minhas.

A. Rio Bello.»

A rua e o numero concordavam exactamente com a casa para onde João tinha visto entrar a carruagem. A senhora Rio Bello era pois a fidalga do lapis doirado, que lhe dera a libra com que elle comprára as primeiras folhas de papel, e de quem guardava preciosamente uma gotta de sangue no seu lenço de riscado.

João foi a casa da sra. D. Adelaide Rio Bello, e estabeleceram-se entre elles relações frequentes. O espirito ingenuo e leal, enthusiasta e sensato ao mesmo tempo de João, a quem chamaremos assim até ao fim d'esta historia, para não divulgar um nome tornado celebre, agradava infinitamente a Adelaide, que não reconhecêra no artista o pastor que lhe servira de modelo.

Todavia, desde a primeira visita, tivera uma reminiscencia vaga de haver visto algures aquella physionomia. Não quiz dizer-lhe que tambem desenhava, para não se dar ares de ter pressa em tornar conhecido o seu talento. Uma noite succedeu fallar-se de pintura, e Adelaide declarou o que João sabia já — que havia feito alguns esboços, ou *esquiços*, como os pintores lhes chamam, mas que, por não os considerar dignos de tal honra, evitára sempre mostrar-lh'os.

Poz o album sobre a mesa, voltando as folhas mais ou menos rapidamente, conforme considerava os desenhos dignos ou indignos de exame.

Quando chegou ao sitio em que estavam representados João e o seu rebanho, disse ella ao pintor:

— É, pouco mais ou menos, o mesmo sitio que figurou no seu quadro, que adquiri para ver realisado o que eu tentára fazer. É singular similhante encontro! Pois passou alguma vez pela Palhoça?

— Passei, sim; estive por lá uns tempos.

— É um logar que não tem de bom senão os pontos de vista, mas esses são admiraveis. Ora, já que tirei o meu album por sua causa, não se ha de ficar rindo: aqui tem uma pagina em branco, esboce ahi qualquer coisa.

João desenhou a charneca onde Adelaide caíra do cavallo, representando a amazona estirada por terra, e um pastorinho a refrescar-lhe as fontes com um lenço molhado em agua.

— Que coincidencia! exclamou a sra. Rio Bello. Caí de um cavallo n'um sitio exactamente como esse, mas não havia testimunhas d'esse caso, senão um pastorinho, a quem vagamente entrevi no meu desmaio, e que nunca mais encontrei. Quem foi que lhe contou isto?

— É que sou eu mesmo o João, esse João pastor de quem está lembrando-se. Olhe para o lenço que enxugou o sangue que lhe corria da fronte, onde ainda estou vendo a cicatriz da fenda, sob a fórma de uma imperceptivel arranhadura!

Adelaide estendeu a mão ao pastor, que lhe imprimiu nos dedos um beijo repeitoso e terno; depois, com voz commovida e trémula, contou-lhe toda a sua vida, as vagas aspirações que o perturbavam, os seus sonhos, os seus esforços, o seu amor em fim, uma vez que lhe estava lendo claramente na alma, e que, se de principio amára em Adelaide a musa, agora amava a mulher.

Que mais lhes direi? Não é difficil de adivinhar o fim d'esta historia, e bem sabem que ajustámos não haver peripécias nem catastrophe. João teve a felicidade rara de casar com o seu ideal, e de viver com o seu sonho, sem se manchar em uniões vulgares. Gostava do campo, e fez-se um grande pintor de paizagem; amava uma mulher, e casou com ella. Feliz homem! Bem tinham razão os novelleiros do principio d'este seculo, quando rematavam as conceituosas aventuras dos seus heroes por esta phrase edificante: — Que coisa ha que um amor puro e uma forte vontade não consigam!

JULIO CESAR MACHADO.

VIRGEM COLOSSAL DO PUY

(NOSSA SENHORA DE FRANÇA)

A imagem colossal de Nossa Senhora de França, erigida em 1860 sobre o pico de Corneille, na cidade do Puy, é a maior estatua fundida que ha hoje na Europa.

Tem 16 metros de altura, e 17 de circunferencia, no ponto do seu maior desenvolvimento. É toda de bronze, e levou 100:000 kilogrammas, 30:000 dos

quaes pesa o Menino Jesus que a Senhora tem nos braços!

Por estes algarismos se póde fazer idéa das espantosas difficuldades que venceu tanto o estatuario como o fundidor, para a execução d'esta obra gigante.

Na primavera de 1853 se abriu concurso a todos os artistas da Europa para a erecção d'esta estatua. Dois artigos notaveis, publicados no *Moniteur* pelo insigne escriptor Prospero Mérimée, serviram de guia e instrucção aos concurrentes. Algumas semanas depois, não menos de cincoenta e cinco projectos tinham sido enviados á commissão nomeada em Puy para este concurso. O do esculptor francez Bonnassieux foi preferido por unanimidade; e a 12 de setembro de 1860, se inaugurou a estatua da Virgem sobre o pico de Corneille, n'uma altura de 132 metros acima dos paços do concelho do Puy.

Por estas datas se vê com que celeridade se concluiu tão grande obra, e qual foi o desvelo e habilidade de todos os artistas que auxiliaram o estatuario que a planeou.

Conservar a belleza religiosa em tanta grandeza, foi a principal preoccupação do artista. Vencer as innumeraveis difficuldades que apresentava tão agigantada fundição, para depois se ajustarem as peças que a compunham, com a neccessaria solidez, sobre um rochedo altissimo e desamparado, deveu custar ao fundir repetidos ensaios, e calculos numerosos.

O modelo da estatua, pelo qual se fez o colosso, levou dois annos de trabalho assiduo. Media 2,^{m}598; não tendo o esboço primitivo, segundo as indicações do programma, mais que 80 centimetros. Por aquelle typo se modelou a estatua em barro, com as dimensões que tem.

A fundição foi incumbida a M. Prenat, e feita nas suas officinas de Givors, no departamento do Rhodano. Ahi se tirou primeiramente a fôrma em gesso, que pesou 40:000 kilogrammas, tendo só o Menino Jesus 18:000.

Feita esta operação, é que a obra se apresentou aos olhos do artista, não tal como elle a houvera imaginado, mas realisada de modo que lhe podesse imprimir o cunho do genio que a tinha produzido.

Estes retoques são sempre de summa importancia, e n'esta estatua subiram de ponto, não só pela sua grandeza colossal, mas pelos inesperados effeitos da luz. N'este trabalho foi M. Bonnassieux auxiliado por M. Experton.

Logo que a fôrma recebeu as ultimas correcções, foi dividida em cem partes de diversas dimensões. Serradas com muita arte, e separadas uma a uma com todo o cuidado, estas divisões do colosso ficaram promptas para a fundição.

Um donativo do governo, que consistiu em 150:000 kilogrammas de ferro dos despojos da guerra da Criméa, auxiliou esta grande obra.

A medida que se iam fundindo os diversos segmentos, eram logo assentes, sendo encarregado M. Experton de dirigir o ajustamento das peças, e de corrigir a cinzel as imperfeições da fundição. D'este modo se recompoz a estatua, tal qual devia erigir-se no pico de Corneille. Foi então que o esculptor e a commissão deram ao fundidor a sua definitiva approvação.

Concluido este trabalho com tão bom exito, seguiu-se arrostar com outra difficuldade, qual era o transportar todas estas peças metallicas ás alturas onde se haviam de assentar. Coube esta gloria aos engenheiros Solvain e Micciolo.

Içar ao cume de um rochedo a pique todos aquelles enormes troços, il-os sobrepondo successivamente, até chegar á coroa da estatua; todo este conjuncto de ascensões e combinações, feito em alturas vertiginosas, não só á borda do abysmo natural formado pela declividade da rocha, mas, por assim dizer, no meio de outro abysmo que se abria em volta do pedestal e da estatua, á medida que ella se ia elevando ás nuvens; tudo isto punha espanto aos operarios, e demandava um esforço sobrehumano.

Foi porém tão engenhoso e bem calculado o andaimo, tão seguro o apparelho para guindar as cem peças do colosso, que, desde a primeira até á ultima, foram içadas com uma rapidez incrivel, sem que houvesse nenhum accidente desastroso, nem tão pouco ser necessario fazer a menor modificação no apparelho primitivo.

Todas as cem peças de que se compõe a estatua foram ligadas por cavilhas de ferro de uma força prodigiosa.

Este colosso assenta sobre um pedestal semi-espherico de 7 metros de altura e 5 de circumferencia, todo arcado de contrafortes de ferro.

Já dissemos que esta estatua tem 16 metros de altura, e que levou 100:000 kilogrammas de bronze. Agora acrescentaremos, que só a cabeça do Menino Jesus pesa 1:100 kilogrammas; e o braço que tem levantado em acção de deitar a benção ao mundo, tem o peso de 600 kilogrammas. A trança da Virgem, que lhe desce em ondas pelas espadoas, tem 7 metros de comprido; e os pés, que poisam sobre a esphera, tem cada um 1^{m},92. Finalmente, a serpente enroscada na esphera tem 17 metros de comprimento.

A estatua é ôca, e tem por dentro uma escada de caracol, mui solida e suave, com 74 degraus até á altura dos hombros da imagem. D'ahi para cima ha outra escada, como as de mão, que sobe ao alto da cabeça do colosso, cuja coroa fórma uma especie de mirante, d'onde se goza uma vista maravilhosa.

A Virgem colossal do Puy é, de certo, a mais agigantada obra de esculptura que se tem feito n'este seculo.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

Quem entra na egreja de Nossa Senhora de Jesus, que foi dos religiosos terceiros de S. Francisco, em Lisboa, e se volta para a via-sacra, que corre do lado da epistola, dá logo com os olhos n'um jazigo sumptuoso. Ornado pelos lados de varios emblemas e disticos latinos, vê-se, que uns e outros foram concertados para significarem a brevidade da vida e a certeza da morte.

Quem repousa alli?

Dil-o o epitaphio inscripto na pedra sepulchral:

Hic — Dignitatem splendorem deposuit, laborem suum reponit — Antonius de Sousa de Macedo. — Quem mortalitatis elegit occasum — Immortalitatis spectat orientem — Donec veniat immutatio sua — Una cum conjuge clarissima — D. Marianna Lamarier — Requievit, — Ille 1 *die Novembris anno* 1682 *— Illa* 4 *Decembris ann.* 1682. *— Fratres — Orate pro eis, si vultis alios orare pro vobis.*

Estão alli encerrados os despojos mortaes de Antonio de Sousa de Macedo!

Ninguem ha, medianamente versado na letras e historia politica de Portugal, a quem este nome seja desconhecido. Os livros que Macedo compoz, numerosos e uteis, encontram-se nas bibliothecas mais modestas. Escriptor distincto e incançavel, erudito consummado, politico mais patriota que feliz, toda sua existencia consagrou ao serviço da patria.

Oriundo da villa de Amarante, Antonio de Sousa de Macedo nasceu na cidade do Porto, onde foi baptisado na freguezia da Victoria, a 15 de dezembro 1606. Foram seus paes Gonçalo de Sousa de Macedo, fidalgo da casa real, desembargador dos aggravos na casa da supplicação, juiz da coroa e da fazenda, e



Virgem colossal do Puy, (Nossa Senhora de França)

contador-mór do reino; e D. Margarida Moreira; um e outra descendentes de familias de qualidade.

Contava ainda poucos annos quando seu pae o trouxe a Lisboa. Admittido no collegio de Santo Antão, da companhia de Jesus, ahi estudou, com admiravel aproveitamento, a lingua latina e as humanidades. Na edade de dezoito annos já publicava uma collecção de versos latinos, castelhanos e portuguezes, com o titulo de *Solemnia Parnassi Philippo* IV *Hispaniarum Regi pro recuperata salute soteria* (Madrid 1624). Contando apenas vinte e cinco annos dava á luz aquella sua producção de maduro engenho intitulada: *Flores de España, Excelencias de Portugal, en que brevemente se trata lo mejor de sus historias y de todas las del mundo* (Lisboa 1631).

Passando a frequentar a universidade de Coimbra, n'ella se doutorou em direito civil.

Do applauso que alli alcançou dão testimunho estes versos de D. Francisco Manuel nas *Obras Metricas:*

«Não sei eu, porventura, que nas Artes
Politicas, não se acha em muitas partes
Qual esse teu Macedo, outro sujeito?
N'esse, que em breve Codigo, ou Direito,
Recopilou da sciencia,
Que de Jus se chamou Jurisprudencia;
D'esse Varão tão alto e tão divino,
Que quando nos parece mais humano
Excede na Justiça a Justiniano,
E na Modestia excede a Modestino.»

Em 1640 publicava um poema heroico em treze cantos (*Ulyssipo*), cujo argumento era a fundação de Lisboa por Ulysses.

Em 1641, sendo ouvidor da chancellaria da cidade do Porto, era escolhido para secretario da embaixada com que D. Antão de Almada e Francisco de Andrade Leitão iam á corte da Gran-Bretanha.

Saindo de Lisboa a 28 de fevereiro, elle e os embaixadores, padeceram grande tormenta na viagem, e quando o tempo melhorava, perseguidos á entrada do canal por sete fragatas de Dunquerque, foram obrigados a entrar em Plymouth no dia 7 de março. É Macedo que d'alli parte adiante para Londres a fim de obter licença para a embaixada entrar na corte. É elle quem no dia 12 do mesmo mez escreve, em fórma de carta, ao secretario de estado de Inglaterra, a memoria em que expõe os direitos de D. João IV ao throno de Portugal, e o modo como se verificára a sua acclamação, bem como o estado dos negocios em Hespanha, e os motivos e assumpto da embaixada de que era secretario. Ahi declara que, escrevendo tal memoria, obedecia ás insinuações del-rei da Gran-Bretanha, Carlos I, que, antes de admittir os embaixadores, desejára mais amplas informações sobre aquelles pontos.

Na corte de Londres, não só com a voz, mas tambem com a penna, defendeu calorosamente, contra as pretenções hespanholas, o direito da casa de Bragança ao throno de Portugal. Com esse fim publicou lá alguns notaveis escriptos.

Tem a data de 3 de setembro 1641 (e foi no mesmo anno impressa em Paris) a sua *Carta a un señor de la corte de Inglaterra sobre el Manifiesto, que por parte del-rei de Castella publicó su cronista D. Joseph Pellizer*. N'este documento, retrato fiel das paixões e idéas do tempo, não poupa o auctor ironias nem motejos, e quasi sempre leva a palma a Pellizer, deixando-o em muitos lances completamente prostrado. Repellindo com vantagem as calumnias dos contrarios, este papel politico de Macedo foi geralmente bem acceito em Inglaterra, e coadjuvou o feliz exito das nossas negociações n'aquella corte.

Não ficou só n'este escripto o serviço que Macedo prestou, pela imprensa de Londres, á causa portugueza. É d'aquelles tempos a publicação d'estas suas obras:

Publico sentimento da injustiça de Allemanha a el-rei de Hungria (Londres 1641, publicado sem o seu nome), especie de manifesto ácerca da prisão do infante D. Duarte.

Juan Caramuel Lobkowitz... Convencido en su libro intitulado PHILIPPUS PRUDENS, *impreso en el año* 1639, *y en su* MANIFIESTO DEL REYNO DE PORTUGAL, *impreso neste año de* 1642. (Londres 1642)

Genealogia Regum Lusitaniãe. (Londres 1643)

Santissimo Domino nostro Papæ Urbano VIII *in Ecclesia Dei Præsidi Planctus Catholicus juris gentium pro Legatione Serenissimi, ac potentissimi Principis Joannis* IV *Regis Lusitaniæ contra Castellanorum calumnias*. (Londres 1643)

Caramuel ridiculus Caramueli convicto (Londres 1645), publicado com o fingido nome de Pedro Garcia.

Lusitania liberata ab injusto Castellanorum dominio, restituta Legitimo Principi Serenissimo Joanni IV *Lusitaniæ, Algarbiorum, Africæ, Arabiæ, Persiæ, Indiæ, Brasiliæ, etc. Regi potentissimo, Summo Pontifici, Imperio, Regibus, Rebuspublicis, cæterisque Orbis Christiani Principibus demonstrata*. (Londres 1645)

Ajustada a paz entre Portugal e a Gran-Bretanha, no tratado de Londres de 29 de janeiro 1642, e retirando-se os embaixadores para Lisboa, Antonio de Sousa de Macedo ficou em Londres como ministro residente.

Rebentando então as guerras e tribulações que tanto opprimiram Carlos I, o residente portuguez lhe assistiu sempre com tanto amor e fidelidade, que por esse motivo se expoz a grandes perigos, sendo por uma commissão da casa dos Communs advertido, bem como outros representantes estrangeiros, para não conceder protecção a subditos inglezes perigosos ao estado, nem deixar, como era notorio, que papistas inglezes fossem ouvir missa a sua casa, intimando-se-lhe que de futuro o não consentisse.

Ainda no *State papers office* de Londres se conserva (maço 5.° de Portugal, n. 12) a certidão de uma carta do primeiro ministro de Inglaterra, Eduardo Nicolau, agradecendo a Macedo, em nome de Carlos I, o ter-lhe *mandado aquella pessoa e o que ella levava;* sem duvida algum emissario confidente da assistencia de Portugal, e algum dos soccorros emanados de D. João IV, para o infeliz monarcha sustentar a lucta com os parlamentarios, que poucos annos depois o haviam de levar ao cadafalso. No mesmo maço (documento n. 13) está tambem uma memoria de outros serviços que Macedo prestára ao mesmo rei Carlos I.

Em 24 de setembro de 1644, foi Macedo o primeiro que protestou energicamente contra a ordem do parlamento, que prohibia, sob pena de aprezamento, a entrada nos portos da Gran-Bretanha e Irlanda a todos os navios que continuassem a declarar-se pelo partido realista. Pronunciando-se contra a apprehensão de qualquer coisa pertencente a subditos portuguezes, o ministro residente assegurava que isso levaria logo o soberano portuguez a providenciar e obter reparação.

Macedo não descurou nunca a prisão do infante D. Duarte, preso na Allemanha. Ainda em 6 de fevereiro de 1645, estando em Oxford, escrevia com grande empenho ao secretario de estado inglez, solicitando os bons officios da Gran-Bretanha para se alcançar a desejada soltura.

Dos successos d'esta epocha, e da habilidade diplomatica que Macedo manifestou na sua qualidade de ministro, dá prova a grande collecção de cartas por elle escriptas de Londres ao nosso então embaixador em Paris conde da Vidigueira, nos annos 1642 a 1645, e que se conserva autógrapha na bibliotheca publica de Evora, sendo mui digna da impressão, ou de proveitoso estudo para a historia d'aquella epocha.

Como se para demonstrar a sua actividade, não bastasse a diligencia com que desempenhava o melindroso encargo de representante de Portugal, e as publicações que n'essa qualidade fazia, em quanto esteve em Inglaterra deu á estampa outras obras, que bem confirmam o conceito em que era tido como jurisconsulto. São ellas o *Perfectus Doctor in quacumque scientia maxime in jure Canonico et Civili*, e as *Repetitiones ad Leg. Corrupt. penult. cod. de usu fructu, et habilitatione, et ad Leg. Centurio* 15 *ff. de vulgari et pupillari substitutione*, ambas impressas em Londres no anno de 1643.

Já em 1645 Macedo se queria retirar de Inglaterra. O proprio Carlos I, sabendo isto, escreveu-lhe de Oxford em 27 de fevereiro, declarando-lhe o grande pezar que sentia com a sua proxima partida: acrescenta que lhe deve serviços tão importantes, que a sua memoria deve ser eternamente cara a toda a familia real da Inglaterra, cujos descendentes devem sempre honrar os de Macedo, quando de futuro alguns visitem a Gran-Bretanha. Por meiado d'esse anno, estava a esposa do nosso residente para ter o seu bom successo. Depois d'este, pelo que escrevia a Carlos I, em cifra, é que era intenção de Macedo pedir os passaportes ao parlamento e retirar-se.

Lavrando cada vez mais a discordia entre o rei e o parlamento, foi por via de Macedo que el-rei D. João IV auctorisou, com o maior desinteresse, largos soccorros de dinheiro e armas a Carlos I; mandando

ordem ao seu ministro residente para que se retirasse, por saber que o parlamento sem o menor escrupulo feria as immunidades dos embaixadores estrangeiros, abrindo-lhes as correspondencias em que suspeitava haver coisa de importancia, como já quizera praticar com as do mesmo Macedo.

Parece, porém, que de nenhuma das vezes que Macedo se propunha deixar a Inglaterra o realisou, antes, pelo contrario, em 1648 ainda estava n'aquella corte, se não ha equivoco no que, referindo-se a este anno, diz o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, in-4, II, 276. Entretanto comparando-se o que o mesmo auctor, II, 192, referindo-se a 1646, diz da ordem dada para a retirada do ministro residente, com a circumstancia de apparecer publicado em Lisboa no anno de 1647 o escripto de Macedo intitulado *Panegyrico sobre o milagroso successo em que Deus livrou el-rei nosso senhor da sacrilega traição dos castelhanos*, tratando da tentativa que em 20 de junho do mesmo anno, no acto da procissão de Corpus Christi, fizera Domingos Leite para matar D. João IV, alguem tem conjecturado, que Macedo já a esse tempo estivesse em Lisboa; porque, a estar em Inglaterra, fôra verosimil admittir que lá imprimisse o *Panegyrico*, como fizera nos annos anteriores a tantas outras obras suas.

Os serviços que Antonio de Sousa prestou a Carlos I foram por certo relevantes, para que, mais tarde, não esquecessem ao filho d'aquelle monarcha quando subiu ao throno. N'essa occasião Macedo o felicitou, por se achar de posse do seu reino, n'uma carta em latim datada de Lisboa a 18 de julho de 1660; e, ou solicitação sua, ou insinuação da corte de Inglaterra, que n'elle queria premiar a antiga dedicação, a memoria que d'esta existe nos papeis do estado em Inglaterra, e a que já alludimos, com a data de 12 de novembro do mesmo anno, foi o preliminar com que talvez se preparou a carta patente de Carlos II, expedida poucos mezes depois (28 de junho de 1661), para *remunerar ao menos na pessoa do filho os serviços do pae*, concedendo a Luiz Gonçalo de Sousa de Macedo o titulo de barão de Molingaria, para elle e seus herdeiros varões, legitimos, em attenção a haver seu pae Antonio de Sousa de Macedo, quando residente de Portugal junto a Carlos I —«ha muitos annos (na occasião em que se atearam nos nossos reinos grandes e desastrosas sedições) *(diz a carta patente)*.... prestado mui importantes e agradaveis serviços a nosso pae de felicissima memoria, e n'aquelles calamitosos tempos ousasse defender e sustentar a dignidade do nome real entre os rebeldes (ainda com imminente perigo da sua vida)...»

Como começo de premio aos seus serviços, concedeu-lhe D. João IV o logar de desembargador dos aggravos na casa da supplicação, de que com procuração tomou seu pae posse em 11 de janeiro de 1646; accumulando depois os cargos de conselheiro da fazenda e juiz das justificações do reino.

Em 1650 foi lembrado para ir com o caracter de embaixador substituir nos estados da Hollanda, a Francisco de Sousa Coutinho. Com effeito para alli partiu, ou directamente de Londres onde ainda estava, ou já de Lisboa a que tinha recolhido. Chegou a Haya a 7 de setembro, e continuou a encaminhar as negociações pelos mesmos passos do seu antecessor. Discutindo-se no congresso a proposta do presidente da Zelandia, para que se fizesse guerra a Portugal sem se admittir novo tratado, só a provincia de Hollanda discordou d'ella, e levou o voto das outras a termos mais moderados. Não pequena sagacidade empregou o nosso embaixador para o conseguir. Mostra-o bem no que em Haya publicou, no mesmo anno, com o titulo de *Discurso e pratica que fez aos estados geraes das Provincias Unidas, estando todos juntos em cortes, sobre a paz com Portugal, a 6 de maio de* 1651. Macedo não se demorou muito n'esta embaixada, mas ainda lá teve tempo para publicar a sua *Armonia politica dos documentos divinos com as conveniencias do estado; exemplar de principes no governo dos gloriosissimos reis de Portugal*. (Haya, 1651) Allegando justos motivos, obteve licença para recolher a Lisboa, onde já estava em 1652, e no anno seguinte 1653 publicava anonyma a sua *Resposta a uma pessoa que pedia se escrevesse a vida do principe D. Theodosio.*

Em 1656 figurava com distincção no acto do juramento do rei D. Affonso VI, do que dá testimunho a *Falla que fez no juramento de rei do muito alto e poderoso D. Affonso* VI *nosso senhor em* 15 *de novembro de* 1656, e que no mesmo anno publicou.

Em 1660 deu á luz em Lisboa as *Decisiones supremi senatus Justitiæ Lusitaniæ, et supremi concilii fisci*, á segunda edição das quaes, feita em 1677, juntou o *Apologeticon juridicum pro Conceptione immaculata Virginis in primo instanti.*

Das festas que em abril de 1662 se fizeram em Lisboa, na occasião do casamento da infanta D. Catharina com o rei de Inglaterra, casamento que Macedo foi o primeiro a lembrar e aconselhar, escreveu uma relação, que no mesmo anno sáiu anonymá, sob o titulo de *Relacion de las fiestas que se hizieron en Lisboa con la nueva del casamiento de la serenisima infanta de Portugal Doña Catalina con el señor rey de la Gran Bretaña.*

Em outubro do mesmo anno 1662, já estava no exercicio de secretario de estado, em substituição de Pedro Vieira, que D. Affonso VI desterrou logo que tomou conta do governo em junho do mesmo anno. Em tal qualidade foi agraciado com as commendas de S. Thiago de Souzellas, na ordem de Christo; e de Santa Eufemia de Penella, na ordem de Aviz; e feito alcaidemór da villa de Freixo de Nemão; e tambem como secretario de estado fez a *Proposta... vocalmente por mandado de sua magestade á junta dos ecclesiasticos, cathedraticos, e outras pessoas doutas e ministros de tribunaes, no convento de S. Francisco de Lisboa em* 8 *de março de* 1663, com a qual tem connexão a, tambem sua, *Relação Summaria do que tinham passado sobre a pretenção de se confirmarem por sua santidade os bispos de Portugal e suas conquistas, nomeados por el-rei*, ambas as quaes no mesmo anno 1663 saíram impressas juntas, tanto em portuguez como em latim.

De Macedo são, ainda que se publicassem anonymos, os *Mercurios Portuguezes, com as novas da guerra entre Portugal e Castella*, que desde janeiro 1663 até dezembro 1666 saíram mensalmente, ao todo cincoenta numeros, inclusos dois supplementos, que não escaparam ao fado dos periodicos politicos, tanto que o padre Antonio Vieira (sincera ou apaixonadamente?) os taxava de pouco veridicos, e, o que é mais, de impoliticos e mal escriptos, como se póde ver nas allusões que lhes faz nas *Cartas*, II, c. 4 — I, cc. 28, 55, 69.

O que Macedo foi como secretario de estado é ponto ainda não elucidado completamente. Uns o dão como inimigo da alliança franceza, no que teria a principio de estar em contradicção com o seu collega o escrivão da puridade conde de Castel-melhor; outros o fazem addicto, e solidario passivo de Castel-melhor. Ablancourt nas suas *Memorias* chama-lhe — «homem laborioso, porém mais pedante do que erudito, e mais zeloso em servir a sua patria, do que inventivo em descobrir os meios de a salvar.» O conde da Ericeira, no *Portugal Restaurado*, diz d'elle que grangeára — «melhor fama, em quanto teve menor fortuna.»

Accusaram-n'o de ter produzido com o seu *zelo indiscreto* os tumultos que houve em Lisboa no meiado

de 1663, quando constou que D. João de Austria tomára a cidade de Evora. Effectivamente o secretario de estado, desejando que crescesse o numero dos que iriam soccorrer o exercito, mandou lançar uma linha no meio do Terreiro do Paço, e publicar que os valorosos que a passassem para a parte do paço, seriam os escolhidos para o contingente que tinha por fim libertar a patria. A esse acto de desusada solemnidade concorreu povo innumeravel: d'ahi indignações e tumultos que quizeram vingar-se em suppostos complices das desgraças da patria; e que levaram algumas horas a accommodar, não sem haver serios disturbios.

No plano de revolução palaciana, que em 1667 teve por fim annullar D. Affonso VI e o seu governo, e substituir-lhe o infante D. Pedro com outros ministros e outras influencias, foi decretado o sacrificio de Macedo. A rainha D. Maria Francisca, que entrou conhecidamente n'esse plano, tomou a iniciativa no que tocava ao secretario de estado, que uns accusavam como menos respeitoso para com ella, outros absolviam e canonisavam, não sem condimento de paixão, qualquer das opiniões. Por mais que a auctoridade do rei o quizesse escudar, Macedo teve de ceder á pressão do partido do infante, deixando o logar e a côrte, onde por pouco esteve, mais uma vez, a ser victima do furor dos partidos.



Antonio de Sousa de Macedo

As origens do conflicto entre a rainha e o secretario de estado, ainda que contadas por diverso modo, podem ver-se na *Catastrophe de Portugal*, 159; na *Anti-Catastrophe*, 393; no *Portugal Restaurado*, IV, 474, 500, 503, 508; na *Deducção Chronologica e Analytica*, I, §§ 507 e 518; e n'este mesmo semanario, II, 373, 378.

Parece que a adversa fortuna politica de Antonio de Sousa não teve força para lhe prostrar o animo, porque, logo tres annos depois de excluido do ministerio e menosprezado pelo partido dominante, publicava o *Epitome panegyrico de la vida admirable y muerte gloriosa de Santa Rosa Maria Virgem dominicana* (Lisboa 1670), e poucos annos mais tarde a *Eva e Ave, ou Maria triumphante. Theatro da erudição e philosophia christã, em que se representam os dois estados do mundo, caido em Eva, e levantado em Ave* (Lisboa 1676), de que ha versão em hespanhol feita por Diogo Soares de Figueirôa, impressa em Madrid em 1731.

Cêrca do seu fallecimento dava ainda á luz o *Dominio sobre a Fortuna, e Tribunal da Razão, em que se examinam as felicidades e se beatifica a vida.* (Lisboa 1682)

Antonio de Sousa de Macedo falleceu a 1 de novembro de 1682, com 76 annos de edade. Deixou um filho do mesmo nome, que fôra em 27 de setembro 1666 creado, em premio dos serviços de seu pae, barão da Ilha Grande de Joannes. D'elle provém, em linha de primogenitura, o actual conde de Mesquitella.

Entre alguns manuscriptos que Macedo deixou, havia um, que se considera perdido, de assumpto novo e original, a julgar-se pelo que da obra disse uma das censuras que ainda se conservam na bibliotheca publica de Evora, e que serviram para se lhe denegarem as licenças para a impressão. Escripta em latim, com o titulo *Tractatus analyticus de servitiis vassallorum remunerandis a Principe, et actione pro eis competente* (Tratado analytico da remuneração que o principe deve aos serviços dos vassallos, e da acção que a estes compete pelos mesmos serviços). Constava a obra de duas partes. Na primeira assentava o auctor a conclusão geral, que por todos e quaesquer serviços feitos pelos vassallos aos principes, podiam estes ser obrigados em juizo contencioso, para resultar obrigação efficaz, e se dar acção directa aos vassallos para podêrem demandar os principes. Na segunda parte sustentava, que contra os mesmos principes se dava acção pela estimação dos bens que, depois de serem doados em remuneração de serviços, foram tirados por algum terceiro. Tudo ia fundamentado com principios tirados de ambos os direitos.

Se livro tão notavelmente original, como esse não podia deixar de ser, se perdeu, e com elle alguns paradoxos que por força conteria, deve ao menos confessar-se que a sua doutrina, o seu pensamento fundamental, era abrir caminho á *justiça e mais justiça*, sustento de que nunca deixámos de estar famintos.

Muitos escriptores distinctos, naturaes e estranhos, commemoram com louvores o engenho d'onde saíram tantas producções estimaveis e estimadas. Valem por todos, estes dois testimunhos, com que concluimos:

«Foi estadista na *Armonia Politica*, historiador na *Vida de Santa Rosa*, poeta no *Ulyssipo*, genealogista na *Genealogia Regum Lusitaniæ*, philosopho moral no *Dominio sobre a Fortuna*, jurisconsulto nas *Decisoes* e na *Lusitania liberata*, e versado em uma e outra historia nas *Flores de España* e na *Eva e Ave*. Em qualquer d'estas faculdades era tão profundamente perito, que parece a uma sómente se applicára, podendo controverter-se se observava mais exactamente as leis da poesia que da historia, e se penetrava com maior profundidade os mysterios da politica que as difficuldades da jurisprudencia.» (Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*)

«Todas as obras portuguezas d'este nosso classico são estimadas e dignas de muito apreço, não só pela riqueza de noticias que n'ellas ha, mas por sua pureza e elegancia de phrase. No que diz respeito a erudição e saber, poucos são os contemporaneos que possam levar-lhe vantagem.» (Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*)

José de Torres.

Quem quer que lhe obedeçam muito, mande pouco.

O clamor dos pobres é opprobrio dos ricos.

Do irado ao louco, vae só que dura pouco.

Quem não sente a mão de Deus nos beneficios, a sentirá nos castigos.

Não trates muito com quem os bons não louvam.

Dar bom exemplo ao proximo, é uma das maiores honras que podêmos dar a Deus.

A alma revestida de caridade é quasi omnipotente.

Faze coisas grandes, mas não as promettas.

P. Manuel Bernardes.